

# Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 2, n. 1, 2026

## ••• ARTIGO 10

Data de Aceite: 04/05/2026

### JOANA EM FLUXO: A NATUREZA LÍQUIDA DA SUBJETIVIDADE FEMININA EM PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM (1943), DE CLARICE LISPECTOR

Isadora Zurlo Nogueira



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).



**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o modo como a personagem principal (Joana) do romance de estreia de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943), se aproxima do elemento água durante a narrativa. Essa aproximação compreende não somente os devaneios provocados pelo contato da protagonista com a materialidade da água, mas sua natureza líquida e fluída enquanto uma mulher que rompe com a aparente solidez e estaticidade das normas sociais patriarcalistas da época. Para tanto, o trabalho se serviu de embasamentos voltados à questão feminina - Gerda Lerner (2019), Simone de Beauvoir (1970), Pierre Bourdieu (2012) - e das contribuições de Gaston Bachelard (2013), no que diz respeito à natureza das águas na literatura. Combinar o aporte teórico aos trechos da obra parece confirmar a possibilidade de leitura que defende a transitoriedade e a fluidez de Joana em consonância com a água, seja em forma de chuva, rio, banho ou mar.

**Palavras-chave:** água; feminino; liquidez; fluidez.

## Introdução

*Mergulhar* na escrita de Clarice Lispector provoca, quase sempre, um incômodo. Ao romper com a ordem sintática tradicional e com a linearidade da narrativa, a autora lança, sem avisos, o leitor na consciência de personagens complexas que vivenciam o eterno drama da existência. É daí que surge o desconforto: no encontro com questões tão íntimas, existenciais e filosóficas de sujeitos comuns, Clarice nos coloca diante de nossas próprias fragilidades (individuais e coletivas), fazendo *emergir* questionamentos que adormeciam nas *profundezas* do inconsciente.

No caso de *Perto do coração selvagem* (1943), romance de estreia da autora, estamos diante do turbilhão psíquico de Joana, protagonista disruptiva, introspectiva e que encara um intenso conflito com o mundo exterior, porque não se compraz dentro dos papéis sociais e de gênero impostos pela sociedade burguesa carioca da época. Melhor dizendo, Joana desvia daquilo que era “esperado” de uma mulher - matrimônio, maternidade, “boa conduta”, subserviência etc. - o que acaba por estabelecer uma tensão entre seu eu interior e o mundo. Esse embate é evidenciado nas relações sem muita estreiteza da protagonista com as demais personagens que, em maior ou menor grau, reproduzem discursos normativos na tentativa de cerceá-la. Diante disso, ainda que com certa dúvida, Joana segue seu próprio caminho, abraça sua própria solidão e escolhe sondar o abismo de sua interioridade, mergulhando em “águas desconhecidas”.

É pensando nessas características e contradições encarnadas por Joana que o presente artigo busca analisar o modo como o elemento água aparece no romance de Clarice, *Perto do coração selvagem*, como uma metáfora da complexidade da própria protagonista, estabelecendo, assim, uma relação recíproca entre as formas líquidas presentes na narrativa e o estado interno da personagem e, mais especificamente, sua condição feminina. Este paralelo pode ser traçado pensando nos aspectos associados à natureza da água (fluidez, permeabilidade, movimento e ambiguidade), os quais parecem ser espelhados na construção de Joana e na sua condição de mulher, na medida em que a personagem não se convence diante das “formas fixas” (Lispector, 2019, p. 194) e está sempre em trânsito, *afundando* numa “região líquida” (p. 194), onde tudo se intersecciona e, portanto, é impossível traçar binarismos completamente opostos.

Além de analisar os momentos em que a água aparece em sua materialidade no romance (no encontro com o mar, no banho da menina no internato, na chuva e na viagem de navio), é possível elencar diversas passagens em que as escolhas lexicais da autora remetem à água para expressar a intimidade de Joana. Mais ainda, é possível perceber, na singularidade da escrita clariceana (já despontada em seu romance primeiro), uma espécie de fluidez da linguagem relacionada ao movimento próprio da água, a qual, segundo Bachelard (2013),

agrupando as imagens, dissolvendo as substâncias, ajuda a imaginação em sua tarefa de desobjetivação, em sua tarefa de assimilação. Proporciona também um tipo de sintaxe, uma ligação contínua das imagens, um suave movimento das imagens que libera o devaneio preso aos objetos (Bachelard, 2013, p. 13).

Assim, mais que uma temática, a água se faz presente como forma estética na obra clariciana, promovendo um fluxo peculiar da linguagem e do enredo, principalmente no que diz respeito à movimentação psíquica da protagonista, que, fluída, inconstante e profunda por natureza, se vê impossibilitada de permanecer engessada pelas amarras do sistema patriarcal.

É, portanto, por esta perspectiva que o trabalho analisará trechos do romance, na tentativa de estabelecer conexões entre o elemento água e a construção de uma representação feminina em *Perto do Coração Selvagem*. Para tanto, o texto de Gaston Bachelard (1989), “A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria”, é central

para compreender alguns aspectos da água na literatura e será associado aos embasamentos teóricos de Gerda Lerner (2019), Simone de Beauvoir (1970) e Pierre Bourdieu (2012) para dialogar com temáticas da condição feminina no livro de Clarice.

## Joana líquida: a fluidez de uma mulher disruptiva

*A chuva e as estrelas, essa mistura fria e densa me acordou, abriu as portas de meu bosque verde e sombrio, desse bosque com cheiro de abismo onde corre água”* (Lispector, 2019, p. 35)

Se, conforme Bachelard (2013), a água “libera o devaneio” (p.13) e “ajuda a imaginação” (p. 13), é porque sua natureza é de transitoriedade e liquidez, o que possibilita a metaforização, pois a metáfora é capaz de “exprimir o transporte incessante que se forma entre o sentido e o sensível, entre o homem e o mundo” (Collot, 2013, p. 37). Em outras palavras, assim como a água, a metáfora é movimento, porque desloca o uso comum da palavra, criando uma relação recíproca e incessante entre o conjunto de dados sensíveis do ser e suas significações.

É neste trânsito que a água se aproxima de Joana, protagonista do romance inaugural de Clarice Lispector. Isto porque, diante da materialidade dos elementos aquáticos do livro, a personagem mergulha em sua própria subjetividade, é transportada para um devaneio interno, em que a racionalidade parece ser insuficiente para responder a suas questões mais íntimas. Daí, a metáfora surgir como caminho possível para dar conta da complexidade de sua psique.

Nesse sentido, a transitoriedade de Joana está no intenso fluxo de sua consciência que vai justapondo imagens, situações, tempos e espaços diversos, criando uma fluidez de linguagem: sem aviso prévio, a partir de um contexto que parece objetivo (o banho, o encontro com o mar), a voz narrativa em terceira pessoa quase que desaparece, dando vez ao turbilhão que invade a mente da personagem a partir de sua experiência sensorial com a água. Esse movimento pode ser entendido, nos termos de Bachelard (2013), como uma “contemplação em profundidade”, a partir da qual “o sujeito toma também consciência de sua intimidade” (p. 53). É o que se verifica na passagem do romance em que, na praia, Joana compreende algo dentro de si:

Cada vez que reparava no mar e no brilho quieto do mar, sentia aquele aperto e depois afrouxamento no corpo, na cintura, no peito. Não sabia mesmo se havia de rir porque nada era propriamente engraçado. Pelo contrário, oh pelo contrário, atrás daquilo estava o que acontecera ontem. Cobriu o rosto com as mãos esperando quase envergonhada, sentindo o calor de seu riso e de sua expiração ser novamente sorvido. A água corria pelos seus pés agora descalços, rosnando entre seus dedos, escapulindo clara clara como um bicho transparente. Transparente e vivo... Tinha vontade de bebê-lo, de mordê-lo devagar. Pegou-o com as mãos em concha. O pequeno lago

quieto faiscava serenamente ao sol, amornava, escorregava, fugia. A areia chupava-o depressa depressa, e continuava como se nunca tivesse conhecido a aguinha [...] Devagar veio vindo o pensamento [...] Agora, junto do mar onde o brilho era uma chuva de peixe de água. O pai morrera como o mar era fundo! compreendeu de repente. O pai morrera como não se vê o fundo do mar, sentiu. (Lispector, 2019, p.20)

Aqui, o pensamento vem junto das sensações de Joana diante do mar, o que resulta na intersecção do sensível e do sentido, na medida em que compreende a morte do pai a partir da percepção da profundidade do oceano. Numa construção sintática genial, Clarice dá conta desta intersecção ao utilizar os verbos “compreender” e “sentir” como reveladores do mesmo fenômeno íntimo da personagem: o luto pela morte do pai.

Além disso, no excerto, o mar é comparado a um bicho transparente e vivo, o que já desponta um elemento central da construção da representação feminina de Joana: em diversas passagens, a personagem é associada ao selvagem, às imagens da víbora, de animal e de “bicho estranho” (Lispector, 2019, p.49), como coloca a tia. Essa aproximação se dá, justamente, pelo comportamento disruptivo da protagonista que, considerada indomável, é uma ameaça aos padrões patriarcais do discurso adulto dominante, e vai “escapulindo”, “escorregando” e “fugindo” (p. 20) dessas representações “estáveis do mundo” (Dinis, 2003, p. 34), assemelhando-se ao comportamento do líquido.

Outro aspecto interessante apontado por Bachelard (2013) sobre a água é que “o ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente” (p. 7). A afirmação do filósofo parece dialogar com o comportamento da protagonista da narrativa de Clarice no que diz respeito a uma “essência feminina” impossível.

Melhor dizendo, a obra como um todo acaba por questionar os papéis sociais e de gênero que instituem definições bem precisas do que é “ser mulher”. Na lógica patriarcal, “o ‘feminino’ seria apenas ‘a mulher ‘realmente mulher’, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem” (Beauvoir, 1970, p. 18). Distanciando-se desse “tipo” fixo, Joana entende o feminino como algo sempre inacabado, um eterno devir: “E a mulher era o mistério em si mesmo, descobriu. Havia em todas elas uma qualidade de matéria prima, alguma coisa que podia vir a definir-se mas que jamais se realizara, porque sua essência era de ‘tornar-se’” (Lispector, 2019, p. 132).

Este permanente movimento, mais que espelhar à transitoriedade da água - “Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-a sempre em transição” (Lispector, 2019, p. 196) - cria uma identidade também mutável, concebida a partir da morte daquilo que lhe fora ensinado pela sociedade e reafirmado pela família que, “não apenas espelha a ordem do Estado e educa os filhos para que a sigam, mas também cria e sempre reforça essa ordem.” (Lerner, 2019, p. 357).

Assim, instaura-se a “vertigem” proposta por Bachelard (2013, p. 7), a qual pode se relacionar com a obra de Clarice, pensando no conflito interno de Joana com o mundo exterior. Ela escolhe sua própria verdade

a tolher seus prazeres e desejos em favor da aceitação de outrem, o que irrompe numa intensa inconstância, porque longe de procurar se fixar na solidez dos “permitidos e tabus, das fórmulas e das concessões” (Lispector, 2019, p. 115), sua identidade de mulher é a de “renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez” (Lispector, 2019, p. 74).

Conforme explica Rosenbaum (2002), no romance de Clarice,

a identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, longe do espelho masculino. Rompem-se as definições preconcebidas sobre as adequações de gênero, e o que prevalece é a desmontagem de estereótipos e máscaras de ambos os sexos (p. 35).

Ao negar uma identidade feminina fixa, a protagonista desmonta as regras impostas pela sociedade patriarcal da época, cujo ideal de felicidade feminina era o casamento e a maternidade e, portanto, a “estabilidade”, a imobilidade. Joana, ser “em vertigem” (Bachelard, 2013, p. 17), está apartada da estaticidade, uma vez que sempre em movimento, a personagem se aproxima mais da ideia de transcendência que de felicidade, como explica Beauvoir (2003):

Não há nenhuma possibilidade de medir a felicidade de outrem e é sempre fácil declarar feliz a situação que se lhe quer impor. Os que condenamos à estagnação, nós os declaramos felizes sob

o pretexto de que a felicidade é a imobilidade. É, portanto, uma noção a que não nos referimos. A perspectiva que adotamos é a da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto (p. 22).

A inconstância de Joana, além de remeter à liquidez elementar da água, aponta para este “futuro indefinidamente aberto” de que fala Beauvoir. Este parece ser o horizonte da personagem clariceana ao fim do romance: sozinha em uma viagem de navio, a protagonista lança uma série de questionamentos que ecoam no íntimo do leitor sem nenhum tipo de solução ou solidez aparente, em que a única constante seria a eterna inconstância e transcendência.

A isto, pode-se associar a noção do destino da água: “um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser” (Bachelard, 2013, p. 6). Esta metamorfose incessante é o que ocorre com Joana, que está sempre em busca de descobrir o “selvagem” da vida, desfazendo-se de preconceitos, binarismos, imposições culturais e patriarcais e moralismos. Nesta obstinada busca, a personagem mergulha fundo, extraindo a imagem de seu destino do destino das águas, como quando Bachelard explica sobre o sujeito ligado à água: “desaparecer na água profunda ou desaparecer num horizonte longínquo, associar-se à profundidade

ou à infinidade” (Bachelard, 2013, p. 14). Joana e mar se fundem pela profundidade, liquidez, transitoriedade e permeabilidade, o que se expressa nos devaneios que encerram o romance:

Deus, como ela afundava docemente na incompreensão de si própria. E como podia, muito mais ainda, abandonar-se ao refluxo firme e macio. E voltar. Haveria de reunir-se a si mesma um dia, sem as palavras duras e solitárias... Haveria de se fundir e ser de novo o mar mudo brusco forte largo imóvel cego vivo. A morte a ligaria à infância. (Lispector, 2019, p. 94)

Aqui, o reencontro consigo mesma é também o reencontro com a água e a infância, na medida em que esta desafia a lógica adulta dominante. Nesse sentido, é pela água que Joana parece que “retoma contato com a matéria irracional, com a matéria ‘atormentada’, com a matéria misteriosamente viva” (Bachelard, 2013, p. 13), ou seja, com sua “nudez”, sua identidade híbrida e original, não mais cerceada pela amarra patriarcalista.

Eis o choque: Joana transgride o discurso hegemônico. Ao valorizar seus impulsos mais recônditos do inconsciente, a protagonista de Clarice não “cabe” na vida policiada do marido, Otávio, representante exímio da lógica de dominação masculina, a qual, conforme Bourdieu (2012), é “naturalizada” por meio do “adestramento dos corpos” (p. 71). O filósofo argumenta que

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (p. 71)

Quando pensamos na protagonista de *Perto do coração selvagem* e sua proximidade com a água, a ideia de controle dos corpos e do pensamento não se materializa: como “prender” um ser tão volátil como a água que escorre por entre os dedos? Joana foge da “zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável. cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável” (Lispector, 2019, p. 194). Ou seja, recusando seu papel de “coisa” passiva e alienada (Beauvoir, 1970, p. 15) muitas vezes atribuído à mulher, ela se afirma como sujeito, religando-se a sua própria transcendência e a sua própria angústia existencial que se faz numa eterna inconstância, numa eterna liquidez.

## Considerações finais

O elemento água merece destaque no romance de estréia de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943). Isto se deve menos à incidência da materialidade da água no enredo que à forma como a autora constitui a subjetividade feminina de sua protagonista, ligando-a à natureza de líquido. Além de conectar-se com sua interiori-

dade a partir da contemplação e da experiência sensível com a água, Joana é como água: fluída, líquida, permeável, transitória, vertiginosa, volátil.

Tais características rompem com uma “essência” feminina já questionada por Beauvoir (1970): “que é ser uma mulher?” (p.9). Na lógica patriarcalista, a feminilidade repousa no cumprimento das exigências maternas e matrimoniais, abarcando características como frivolidade, puerilidade e subserviência. Por esta perspectiva, a mulher se compraz a um papel estagnado, sem mobilidade ou possibilidade de transcendência.

Joana é o oposto. É um ser próximo à natureza da água, e abdica de qualquer estaticidade ou tentativa de domínio que a sociedade patriarcal tenta lhe impor. Suas vontades e desejos são inconstantes e seu comportamento ameaça a solidez das coisas, de modo que sua feminilidade não se fixe como isto ou aquilo, mas como uma eterna busca de autoconhecimento, auto-suficiência e autotranscendência.

Neste sentido, analisando alguns trechos do romance à luz de teorias acerca das questões femininas, foi possível estabelecer um breve diálogo entre a natureza da água e a subjetividade da protagonista de Clarice. Entretanto, como toda obra da autora é carregada de camadas e profundidade, reconhece-se a inesgotável fonte de pesquisa que *Perto do Coração Selvagem* (1943) representa tanto no âmbito da crítica literária, como da crítica literária feminista e das demais áreas do conhecimento com as quais a obra parece se relacionar, sendo um caminho interessante parece questionar o papel da mulher na sociedade carioca burguesa da década de 40 e da atualidade.

## Referências

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: Fatos e mitos. 4ª ed. –São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 8-24.

COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DINIS, Nilson F. Perto do coração selvagem: resistência à disciplinarização do feminino e da infância. *Educação & Realidade*, v. 28, n. 2, 2003, p. 29-38.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019, p. 350-377.

LISPECTOR, Clarice. *perto do coração selvagem*. rio de janeiro: rocco, 2019.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.